

A não-cura era (e frequentemente ainda continua a ser) encarada por muitos profissionais como uma derrota, uma frustração, e como tal uma área de não-investimento e de insucesso. A doença terminal e a morte foram “hospitalizadas” e a sociedade em geral aumentou a distância face aos problemas do final de vida. As questões em torno da morte - e que interessam a todos - constituem ainda hoje um tema tabu. Não falar destes temas não nos tem ajudado. O movimento moderno dos cuidados paliativos, iniciado em Inglaterra na década de 60 e que posteriormente se foi alargando ao Canadá, Estados Unidos e mais recentemente (no último quartel do século XX) à restante Europa, teve o mérito de chamar a atenção para o sofrimento dos doentes incuráveis, para a falta de respostas por parte dos serviços de saúde e para a especificidade dos cuidados que teriam que ser dispensados a esta população.



e do seu inequívoco interesse público, o certo é que hoje, no início do século XXI, este tipo de cuidados não está ainda suficientemente divulgado e acessível àqueles que deles carecem. Quase 2/3 dos portugueses desconhecem o que são e quem oferece este tipo especializado de cuidados.

No nosso país, mais concretamente, podemos dizer que os serviços qualificados e devidamente organizados são escassos e insuficientes para as necessidades detectadas - basta lembrar que o cancro é a segunda causa de morte em Portugal, com uma clara tendência a aumentar. Para além disso, importa reforçar que os cuidados paliativos são prestados com base nas necessidades dos doentes e famílias e não com base no seu diagnóstico. Como tal, não são apenas os doentes de cancro avançado que carecem destes cuidados: os doentes de SIDA em estágio avançado, os doentes com

Cuidados Paliativos: Cuidar da vida com qualidade

Apesar de todos os progressos da Medicina **na segunda metade do século XX, a longevidade crescente e o aumento das doenças crónicas** conduziram a um aumento significativo do número de **doentes que não se curam**. O modelo habitual da medicina curativa, agressiva, centrada no **“ataque à doença”** - e tantas vezes nesta área se fala de **“combate”**!! - **não se coaduna com as necessidades deste tipo de pacientes**. Estas necessidades têm sido frequentemente esquecidas, **com o conseqüente abandono deste tipo de doentes e suas famílias por parte do sistema de saúde**.

Os cuidados paliativos definem-se como uma resposta técnica e humanizada da saúde aos problemas decorrentes da doença prolongada, incurável e progressiva, na tentativa de prevenir o sofrimento que ela gera e de proporcionar a máxima qualidade de vida possível a estes doentes e suas famílias. São cuidados de saúde activos, rigorosos, especializados, que combinam ciência e humanismo.

Apesar da pertinência da resposta advogada pelos cuidados paliativos para as questões em torno da humanização dos cuidados de saúde

as chamadas insuficiências de órgão avançadas (cardíaca, respiratória, hepática, respiratória, renal), os doentes com doenças neurológicas degenerativas e graves, os doentes com demências em estágio muito avançado. E não são apenas os idosos que carecem destes cuidados - o problema da doença terminal atravessa todas as faixas etárias, incluindo a infância. Estamos, por isso, a falar de um grupo vastíssimo de pessoas - dezenas de milhar, seguramente - e de um problema que atinge praticamente todas as famílias portuguesas.



A Associação Portuguesa de Cuidados Paliativos (APCP), www.apcp.com.pt, tem desde há alguns anos chamado atenção para estas questões. Que pretendemos oferecer aos doentes na fase avançada e terminal das suas vidas (ao longo de meses, semanas e, por vezes, anos), sobretudo quando temos presente que 90% das mortes ocorrem após doença crónica e avançada?

Os cuidados paliativos NÃO são cuidados menores no sistema de saúde, NÃO se resumem a uma intervenção caritativa bem-intencionada e NÃO se destinam a um grupo reduzido de situações. NÃO restringem a sua aplicação aos moribundos nos últimos dias de vida e, pela especificidade dos cuidados, diferenciam-se dos cuidados continuados (cuidados aos doentes com perda de funcionalidade ou dependentes). Os cuidados paliativos NÃO são dispendiosos, NÃO encarecem os gastos dos sistemas de saúde e tendem mesmo a reduzi-los pela melhor racionalização dos meios.

Só poderemos combater estas concepções incorrectas esclarecendo alguns conceitos:

- **Os cuidados paliativos deverão ser parte integrante do sistema de saúde**, promovendo uma intervenção técnica que requer formação e treino específico obrigatórios por parte dos profissionais que os prestam, tal como a obstetria, a dermatologia, a cirurgia ou outra área específica no âmbito dos cuidados de saúde;

- **Os cuidados paliativos são cuidados preventivos**: previnem um grande sofrimento motivado por sintomas (dor, fadiga, dispneia), pelas múltiplas perdas (físicas, psicológicas e existenciais) associadas à doença crónica e terminal e reduzem o risco de lutos patológicos. Devem assentar numa intervenção interdisciplinar em que pessoa doente e família são o centro gerador das decisões de uma equipa que idealmente integra médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais e outros profissionais;

- **Os cuidados paliativos pretendem ajudar os doentes terminais a viver tão activamente quanto possível até à sua morte**, sendo profundamente rigorosos, científicos e ao mesmo tempo criativos nas suas intervenções, promovendo a esperança realista.

Os cuidados paliativos centram-se na importância da dignidade da pessoa ainda que doente, vulnerável e limitada, aceitando a morte como uma etapa natural da VIDA que, até por isso, deve ser vivida intensamente até ao fim. Por outro lado, estes cuidados aceitam a inevitabilidade da morte e não advogam o encarniçamento terapêutico para manter as pessoas vivas a qualquer preço, com elevado sofrimento associado. Os cuidados paliativos constituem hoje uma resposta indispensável aos problemas do final da vida. O final da vida pode e deve ser vivido com Qualidade e Dignidade. Em nome da ética, da dignidade e do bem-estar de cada Homem é preciso torná-los cada vez mais uma realidade.

